

Índios têm 'empresa' e patrimônio de US\$ 1 milhão

Belém - A prosperidade da tribo dos Gaviões está rompendo com a tradicional idéia de que os índios só revertem seu lucro em carros, bebidas e mulheres. As finanças do povo do cacique Tapramre Jopaipare vão muito bem. Eles comercializam principalmente carne bovina e castanha do Pará, produzidas em sua aldeia no sul do Pará, a 530 quilômetros de Belém. Hoje os 360 índios Gaviões têm um patrimônio estimado em US\$ 1 milhão.

Há cerca de 20 anos os Gaviões optaram pelo extrativismo como principal fonte de renda. Naquela época ainda nem se cogitava que a exploração da madeira e do ouro, que fez a fortuna da maioria das tribos do Pará, seria proscrita pelos ecologistas e proibida pela Justiça Federal. Agora, a tribo é uma próspera "empresa" rural, prestes a assumir também o gerenciamento de suas exportações.

Em março deste ano os Gaviões ganharam cerca de R\$ 20 mil por sua primeira safra de castanha. As amêndoas foram vendidas a exportadores de Marabá (cidade distante 30 quilômetros da aldeia), que comercializam com a Europa. A próxima safra já deverá ser negociada direto com os europeus. Técnicos da Fundação Nacional do Índio estimam que o preço do hectolitro da castanha, que foi vendido a R\$ 23,00 este ano, possa aumentar em pelo me-

nos 50% quando for parar direto nas mãos dos ingleses e franceses.

Centralização

Controlados pela mão-de-ferro do cacique Tapramre Jopaipare, os Gaviões vivem em uma espécie de kibutz (propriedade comunitária típicas de Israel) onde o lucro é revertido igualmente entre as famílias, embora as aplicações financeiras da tribo - centralizadas no Banco da Amazônia - estejam apenas em nome do cacique. Para o agrônomo da Funai, o motivo pelo qual os Gaviões não "torraram" seu patrimônio, como aconteceu com os Kaiapó, foi exatamente a constante centralização de poder nas mãos de um só cacique Gavião.

Os "fazendeiros" Gaviões criam mais de 300 cabeças de gado leiteiro e de corte, mas este ano não conseguiram um pasto de boa qualidade e preferiram não partir para o abate. O engenheiro agrônomo da Funai de Marabá, Carlos de Araújo Júnior, acredita que brevemente os Gaviões vão voltar a vender carne, produto que sempre foi tão ou mais lucrativo do que a castanha. As vendas de cupuaçu (um fruto nativo), farinha e arroz são outras fontes de renda dos Gaviões, ainda que em menor escala. A última safra de arroz rendeu 500 sacos de 70 quilos e R\$ 7,5 mil.



Índios Gaviões: exportações das safras de castanha do Pará para a Europa

Foto Agência Estado

Kaiapós acumulam prejuízos

Belém - Paulinho Paiakã, o mais famoso dos caciques Kaiapó, está mais deprimido do que quando foi acusado de estupro e levado a julgamento no início deste ano. Motivo: a Justiça proibiu a comercialização de ouro e madeira das aldeias Kaiapós (que era feita diretamente com garimpeiros e madeireiros), e o dinheiro minguou.

Para completar, 15 mil metros cúbicos de mogno que foram apreendidos pela Polícia Federal e pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Renováveis (Ibama), na aldeia A-Ukre (a 600 quilômetros de Belém), esperam há oito meses por um leilão que foi determinado pelo juiz Sebastião Fagundes, da 3ª Vara Federal em Brasília. A madeira, que seria suficiente para abarrotar mil caminhões cargueiros, está avaliada em cerca de US\$ 4 milhões. O leilão foi marcado, enfim, para terça-feira que vem.

Contrato

Enquanto isso, duas das sete aldeias Kaiapó, A-Ukre e

Pukany, dão continuidade ao contrato com a inglesa Body Shop, uma empresa de cosméticos que tem seu marketing centrado no óleo da castanha do Pará comprada dos Kaiapós e rende cerca de US\$ 100 mil por ano. Ao lembrar os anos em que seu povo viveu com bem mais de US\$ 2 mil por ano, Paiakã faz uma auto-crítica: "Não sabemos o que fazer com o dinheiro, compramos carro e gastamos tudo".

Ele quer que a renda do leilão seja administrada pela Funai e revertida em um projeto agrícola. Francisco Oliveira, chefe do posto da Funai em Redenção (a uma hora de voo das aldeias Kaiapó), diz que madeireiros e garimpeiros "enganaram os índios" e subfaturaram os preços. Além disso, "eram 10, 15 madeireiros pagando para 50, 60 caciques, o dinheiro não tinha nenhum controle," reconhece.